



A cantora italiana EMILIA SCAFIDI
(Cliché de Lazarus. Fot. Ingloza)

II Série—N. 404

Ilustração Portuguesa
 EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Lisboa, 17 de Novembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Assinatura para Portugal, colónias portu-
 guezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.

Semestre..... 2640 cent.

Ano..... 4880 cent.

Numero avulso. 10 cent.

CASA BANCARIA

Moreira, Gomes & C.^a

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças do mundo ao melhor cambio

ARMAZEM DE FERRAGENS

7 - RUA 15 DE NOVEMBRO - 7 PARA

Na Italia fazem pagamentos aos domicilios

CÓRTE ESTE COUPON E REMETA

CRUZEIRO DO SUL

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 1064 Rio de Janeiro

PARA OBTER OS DEVIDOS ESCLARECIMENTOS

O futuro da familia pôde depender desta consulta

Meu nome.....
 Residencia.....
 Edade.....anos. Posso dispender anualmente (sem sa-
 cripcio) Rs. de de de 191.....

ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA LUZ A GAZOLINA



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOR-
 FORD COMO O GAZ E TENHO UM
 PODER ILLUMINANTE DE 500 VE-
 LAS, APENAS CONSUME UM LITRO
 DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PE-
 DIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE-
 REIRA & C.^a - COIMBRA
 Dê-se representantes em todos os concelhos



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicacoes practicas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) - LISBOA. Consultas a \$1000 rs., 2\$500 e 5\$000.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE N. 2717



SELLOS PARA COLECCIONES

H. POULAIN, 5, rue Victor-Massé, Paris.
 GRANDE REBAIXA ENCIHA DOS CATALOGOS
 Lista de preços gratis e fôr com um formoso
 sello de primas. Cadernos para escolher
 referencias.

4000 dit. ^{os} P. 12.50	100 Col. Esp. Foss. 10.00
2000 » » 37.50	200 » Ingl. 8.00
200 Amer. Cent. 10.00	120 » Franç. 5.00
120 As. P-Ind. 10.00	70 » Portug. 5.00

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais feito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para lóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a - 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o - LISBOA



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 404

17-11-1913

O TANGO

As sociedades modernas, vulgarizadas, automatizadas na série convencional dos movimentos uteis, enervadas pelos ritmos monótonos da vida—precisam, de vez em quando, sacudir-se em convulsões, agitar-se, distender-se, vibrar. E' o que justifica o successo colossal d'essa verdadeira descarga epileptica que se chama—o tango. O tango é hoje uma obsessão.



O tango é hoje uma neurose. Desde *Chez Marim's* até ao grave palacio dos reis; desde o *hall* dos collegios de Londres até á sala doirada da Academia Franca, o tango ro mpe, ondeia, desmalga-se, tumultua. Richepin faz um discurso para o exaltar; Lavedan escreve uma cronica para o combater; e o tango, ao mesmo tempo

sagrado e perseguido, adorado e vilipendiado, insinua-se, infiltra-se, conquista, avança, arrasta consigo a literatura e a moral, a realza e a moda, o duque dos Abruzzos e o *costumier* Poiré, ondas de tinta, nuvens de escandalos, olhares de fogo,—e vive já tanto na alma e nos nervos das mulheres, que quando a gente as vê atravessar as ruas, os passinhos curtos travados pela saia, os pés ligeiros metidos para dentro,—nota que elas já não andam, dançam insensivelmente o tango argentino...

ELEIÇÕES

Dois factos importantes caracterisaram a semana politica: o discurso do chefe do governo no Porto, afirmação superior de um estadista, e as eleições supplementares, já realizadas se-



gundo o novo estatuto eleitoral. Nos termos d'esse estatuto, não é elegivel quem não for eleitor; não é eleitor quem não declarar que sabe ler. Dada a indolencia formidavel do portuguez; dado o conhecido *m'enfichismo* nacional que já no seculo XVIII mereceu a Montesquieu uma frase lapidar, não nos ad-

mirou que a massa dos eleitores apparecesse consideravelmente reduzda, e não nos surpreenderá amanhã, nos futuros recenseamentos, o contrasenso delicioso de ver um socio da Academia das Ciencias excluido de eleitor por não saber ler, ou o proprio ministro do interior, *cordón bleu* de toda a cozinha eleitoral, tornado inelegivel por não se ter lembrado de que devia ser eleitor...

SHERLOK

O portuguez não tem fantasia. O portuguez nunca teve persistencia. O portuguez é absolutamente incapaz de guardar um segredo. O portuguez, que tem o vicio inofensivo de mentir, desconhece em absoluto a arte superior de dissimular. O portuguez é, portanto, fundamentalmente,—um mau policia. E precisamente porque o portuguez é um mau policia,



é que o sr. Homero de Lencastre, com os seus olhos azues o cachimbo inglez, a sua bonhomia taciturna, a sua fantasia de *detective*, me impressionou e me desconcertou. Numa terra onde quasi todos nós somos *amadores*—na literatura, no teatro, na arte, na politica,—faltava ainda esta fórma util, pitoresca e nova do *amador*: o policia.

SUA ALTEZA A MODA

Uma *toque* pequena, com a dupla antena de veludo de *Mephistophiles*; um *spencer* vermelho; a cintura curta; uma «*polaca*» enorme, infunada de arames, bojando-lhe as ancas como um *éco* longinquo do *verdugadim* hespanhol do seculo XVII ou do *pannier* francez do seculo XVIII; a saia estreitando para baixo em sacco invertido; um regalo enorme; uma *écharpe* formidavel; dois pequeninos pés a sair da ondulação persa da saia como dois focinhos de rato curioso,—e ajeem a *silhouette* feminina da moda de inverno, no ano de graça de 1913. Mas o corpo da mulher será realmente tão feio e tão desgraçoso, que seja preciso deformal-o tanto para o tornar aceitavel?

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



MARIA BENEDICTA

Filha única de um casal de fidalgos algum tanto decaídos, mas ainda senhores de um antigo solar onde tudo era tradição e etiqueta, Maria Benedicta, foi, desde pequena, educada no mais severo culto do passado, que seus avós haviam enchido de valentia dos seus feitos e da nobreza das suas ações.

Pelo lado paterno, ela descendia de uma linhagem de heroicos batalhadores e de audaciosos navegantes, cujo sangue, nunca poupado em favor da pátria, justificara bem a purpura do seu braço, correndo por vezes em digno holocausto à pureza dos seus nomes. Dois dos seus antepassados haviam-se dado morte espontânea, só para não incorrerem em desonra ou em traição.

Quanto a materna ascendência a fragil figurinha de Maria Benedicta contava, entre outros ilustres avoengos, o vulto curioso de um doutíssimo físico-mór que sacrificara a saúde, os bens e as honrarias à causa misteriosa da alquimia, sonhando em converter em ouro luzente o sombrio chumbo.

Na galeria dos retratos da família, patentes na sala nobre do encardido palácio, era com esse pallido alquimista mal sucedido, e com um temerário avô que se matara para se não dar por vencido n'uma fregua contra os infieis, que todos achavam mais parecida a palida e voluntariosa Maria Benedicta.

Quando nasceu—tarda alvorada de um amor já desesperado de frutificar—os paes tinham deixado de gosar a frescura da mocidade. Ao marquez, o reumatismo enferrujava-lhe as pernas de quando em quando, e, pezarosa, a marqueza já surpreendera um que outro fio branco nos cabelos acastanhados.

Segundo a usança nobre, e por muito que tivesse sido a alegria do pouco fecundo par em presença de um tão inesperavel e delicado rehen-to, Maria Benedicta foi logo confiada aos cuidados sollicitos de uma velha aia, encarregada de vigiar, desde então, cautelosamente a fidalga pequerrucha e a sua robusta ama, escolhida com esmero mediante prévia consulta do medico, que se responsabilizou pela sua saúde, e do padre-capelão, que lhe garantiu a ortodoxia.

Durante quasi todo o dia em visitas a parentes e conhecidos, passando as manhãs aos pés do altar ou do confessor, e metida de noite no quarto a resar, a marqueza consagrava à filha rapidos momentos eternecidos. O marquez, esse, levantava-se tarde, jantava muitas vezes fora de casa, e dedicava as noites ao jogo ou ao prazer.

A velha aia Joana tornou-se por isso uma segunda mãe da «sua menina», a quem cedo começou a estragar com mimos exagerados e disparatadas cismas. Fiel como um cão de guarda e devota até ao fanatismo, Joana, inculta filha do povo, creada desde creança, quasi como se fosse da família, na companhia dos marquezes, era mais supersticiosa do que uma moura. Misturando a religião e a credence, as rezas aos esconjuros, os santos com os bruxedos, a vida cifrava-se-lhe n'uma continua luta contra o azar. Para ela, a existencia representava um combate perene, em que se impunha o evitar a toda a hora a vingança dos deuses rancorosos e as ciladas dos inumeros demonios espalhados pelo mundo, grangean-

do com preces, jejuns, bentinhos e jaculatorias as boas graças do céu, e triunfando, á força de amuletos e praticas cabalisticas do mau humor do inferno. Com o fim de preservar do perigo e sortilégios a creança entregue á sua guarda não havia martir ou virgem que não invocasse registo de santo que lhe não pendurasse á cabeceira, imagem que não supplicasse, pedra milagrosa ou herva de virtude que lhe não puzesse no quarto, ou lhe não cosesse na roupa, reliquia ou rosario com que a não tocasse.

Aos doze anos, Maria Benedicta aprendera mil superstições, decorara centenas de orações e sabia de cór, melhor que a taboada, os nomes de todos os advogados e advogadas da córte celestial, bem como os males em que cada um ou cada uma se constituiria especialista. Quando ouvia trovejar, corria á ajoelhar-se deante de Santa Barbara, acendendo uma vela benta ou queimando uma palma trazida da igreja em Domingo de Ramos. Se qualquer coisa se lhe perdia, ameaçava Santo Antonio com o deitar ao poço. E n'um dia que deu um grande trambulhão, fez logo a promessa de um joelho de cera a S. Roque.

Chegada Maria Benedicta aos dezoito anos, o marquez sugeriu á mulher a conveniencia de principiarem tratando de casar a filha, á qual a perdulária administração do pae fraco dote reservava. Mais vaidosa ainda de que o marido no que dizia respeito aos seus pergaminhos, a marqueza declarou que o dinheiro não fazia falta onde sobejava a gerarquia, acrescentando que o mais exigente dos homens se sentiria feliz em depositar Maria Benedicta, a quem ela se encarregava de procurar noivo que conviesse: noivo rico, estava bem de ver, pois que, desde que á filha ninguém ganhava em fidalguia, justo era que o esposo escolhido tivesse a contrabalançar o grau menor de nobreza um maior grau de opulencia.

Ao cabo de seis mezes, as interesseiras pesquisas da marqueza lograram descobrir, o que para Maria Benedicta ambicionavam: o filho de um industrial muito plebeu, mas endinheirado, que passava por uma das mais solidas fortunas do paiz.

Sem demora, tratou a marqueza de o atrair e deslumbrar, organisando, para melhor conseguir o seu intento, o que ha muitissimos anos os salões bastante desgarrados do seu palácio não viam: um baile em fórma, com numerosos convidados, creados de librê, luzes em profusão, musica, flores, cristaes.

Fez-se n'essa noite a apresentação solene de Maria Benedicta na sociedade, e, como cumpria, todos tiveram para ella uma palavra gentil ou amavel. Franzina, esbelta, palida, Maria Benedicta não era nem formosa, nem bonita. Tinha, porém, um grande ar de nobreza, uma linha inconfundivel, cheia de simplicidade atraente, mas de requintada distincção, e um perfil, meio altivo, meio recatado, que evocava certos cismadores retratos de museu.

Havendo envergado para esse seu primeiro baile um sobrio vestido branco de leve fazenda vaporosa, vagamente decotado no pescoço, ocorrera-lhe a original idéa de prender na cintura uma grande molhada de goivos amarelos: e nada iria melhor com a sua tez desmaiada e os seus

cabelos castanhos do que esse ramo de doirdas petalas, ante cujo ostentoso oiro ela parecia querer apagar-se, para que só as flôres dessem nas vistas. Radiante com o luzimento da sua festa, a marquezia não se esqueceu de empurrar Maria Benedita para junto de Sebastião Cortiço, o indigitado noivo; mas, ao trocar cum o banalissimo peralta algumas frases cortezas, Maria Benedita sentiu por ele tal aversão, que desertou do seu lado, recusando-se a quantas valsas e contradanças elle lhe propoz.

Baldando os ambiciosos planos da mãe, todas as atenções de Maria Benedita convergiram n'um outro convidado, Tomaz d'Azurara, com quem dansou, muito risonha, uma quadrilha, mostrando-se tão enlevada com a conversa d'ele, que a marquezia, furiosa por causa do desprezo a que a filha votara o filho do capitalista, chamou Maria Benedita de parte, intimando-a a não continuar a comprometer-se d'aquelle modo com «um simples official de marinha».

Apezar de doce em suas candidas maneiras, Maria Benedita tinha um caracter difficil de vergar. Foram inefficazes as promessas, as considerações e até as ameaças de que, apoz a memoravel noite do baile—cuja inutil despeza o marquez e a marquezia agora carpíam amargamente —a mãe diligenciosamente convencer a filha a aceitar para marido Sebastião Cortiço. De todas as vezes que a marquezia pretendeu levar-a a deixar entrever ao ambicionado genro algumas esperanças, Maria Benedita mostrou-se irredutivel, acabando por anular completamente os maternos calculos.

Como uma terra ansiosa de fructificar absorve as primeiras gotas d'agua que n'ela caem, o coração de Maria Benedita havia sofregamente bebido os honestos galanteios de Tomaz d'Azurara. Não houve razões que a demovessem d'esse amor. Devido a ele, desfz-se a paz familiar no antigo palacio, d'onde, uma noite, exauridas todas as esperanças de obter a bem o consentimento dos paes para aquele enlace, que ella apetezia com todas as veras da sua alma, Maria Benedita se ausentava ás escondidas, em companhia da supersticiosa e fiel Joana que, tendo preparado a fuga com o maximo resguardo, quasi deitara, no fim, tudo a perder, em virtude de haver deixado cair dos braços trémulos uma pezada imagem de S. Thomaz, que teimara em carregar: O santo, porém, cairá sobre uma alcatifa, não produzindo ruido avaliavel, o que a fanatica mãe levava á conta de milagre e bom sinal.

Sempre acompanhada pela dedicada Joana, Maria Benedita foi instalar-se em casa de uma tia de Tomaz d'Azurara, que tudo dispuzera para, na manhã seguinte, os dois noivos se unirem á face da igreja.

Indignados contra a filha, os marquezes nunca mais quizeram saber de Maria Benedita, que, decorridos onze mezes, dava ao marido uma filha franzina e pallida como a mãe.

Se bem pouco luxuosa, a existencia do casal, que a velha Joana não abandonara, era mais que remediada. Maria Benedita sentia-se inteiramente feliz com o seu amor, e Tomaz d'Azurara bendizia a hora em que a conhecera.

De entre os amigos de Tomaz, só um elle convidava para sua casa, Estevão Bahia, com o qual a principio Maria Benedita embirrava muito. Para não contrariar o marido, fizera, porém, todo o possivel para dominar essa antipatia, acabando por se deixar vencer pela amizade que elle soubera despertar na pequena Tomazia.

Fazendo-lhe todas as vontades, trazendo-lhe muito a meudo brinquedos e bolos, Estevão sabia cativar por tal forma o afeto da filha de Maria Benedita e Tomaz d'Azurara, que, n'um dia em que o seu «amiguinho»—assim lhe chamava—á não viera ver, nem o caldo quiz comer.

Quando Tomazia ia nos quatro anos, foi Tomaz d'Azurara nomeado para uma comissão no ultramar, onde deveria demorar-se um ano pelo menos. Maria Benedita chorou muito com a pers-

petiva d'essa primeira separação, mas não teve outro remedio senão resignar-se.

O marido tratara de dispôr as coisas para que ella se não sentisse desamparada. Além de a recomendar muito á tia que os protegera no noivado, Tomaz avisou a mulher de que, a seu pedido, Estevão Bahia ficava encarregado de a visitar ameadadas vezes: mesmo por causa da pequena, que estava muito acostumada com elle.

Nos primeiros tempos apoz a partida de Tomaz d'Azurara, tudo se passou sem incidente de maior. Estevão vinha quasi todos os dias perguntar a Maria Benedita se carecia dos seus serviços, demorando-se alguns minutos a brincar com Tomazia, a quem continuava trazendo bonitos e lambarices. Um dia, porém, com grande surpresa, notou Maria Benedita que os olhos de Estevão Bahia se iam tornando menos respeitosos, e d'uma vez, em que veio mais tarde, excedeu-se tanto nas palavras, que a esposa de Tomaz se viu forçada a mandal-o sair, proibindo-o de tornar a procural-a. Não foi possivel habituar Tomazia á falta das visitas e dos presentes do seu «amiguinho», que arranjara n'ela uma inconscientialidade. Passado um mez, a pequena adoeceu com febre e, lembrando-se de Estevão, chorou por elle toda a noite, com grande aflicção da velha Joana, para quem, desde que o sr. Bahia deixara de aparecer, «tudo corria mal n'aquella casa».

Calando o seu resentimento, Maria Benedita procurava dissuadir a supersticiosa serva, mas, como Tomazia não melhorasse, o seu carinho de mãe não soube negar a Joana o rogado consentimento para ir pedir ao sr. Bahia o favor de vir ver a menina. Estevão Bahia acedeu prontamente. Maria Benedita ainda pensara em, mortificando o seu orgulho, lhe aperecer; mas, quando lhe vieram dizer que elle estava á porta, refugiou-se no seu quarto, encarregando Joana de o receber.

Para Estevão Bahia, o procedimento de Maria Benedita representava a mais severa das desfeitas. Contando com que ella ainda surgisse, demorou-se á cabeceira da doentinha até perder de todo as esperanças: depois do que pediu uma folha de papel á velha aia, e, mesmo a lapis, escreveu, para ella entregar á ama, um curto bilhete em que dizia a Maria Benedita que «não querendo obrigal-a a esconder-se, desistia de voltar a tranquilisar a sua «amiguinha», acrescentando que «se encontrava em casa todos os dias até ás duas horas, onde muito gosto teria em receber as suas ordens».

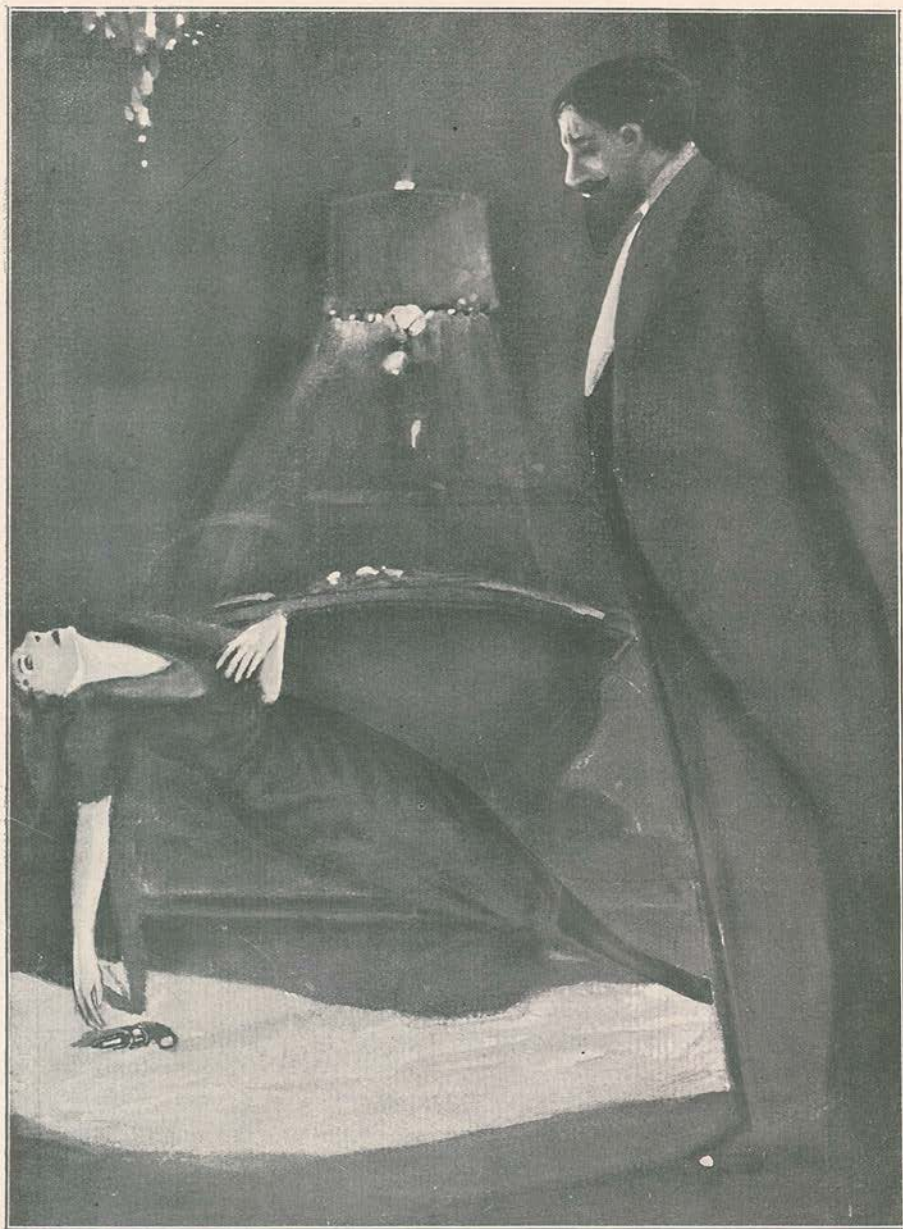
Aos olhos de Maria Benedita, era claro o afrontoso sentido d'estas ultimas palavras. Ou ella se decidia a atraiçoar o marido, ou a pequena Tomazia sofreria as consequencias da materna fidelidade! Com a visita de Estevão, Tomazia melhorou um pouco. Trez dias depois, porém, o seu estado agravou-se sensivelmente e, possuida de delirio, não cessava da clamar pelo seu «amiguinho».

Ignorante do que com Maria Benedita se passara, Joana não se cansava tambem de pedir á senhora para que mandasse prevenir o sr. Estevão. Maria Benedita tentou resistir; mas a excitação da filha era cada vez maior, e, esquecendo tudo, a angustiada mãe, mandando vir um carro, dirigiu-se a casa de Estevão.

Dominado pelo desejo, Estevão Bahia não deu ouvidos ás chorosas supplicas de Maria Benedita, emquanto ella, vencida pela sua infima amargura, lhe não prometteu que tornaria no dia seguinte disposta a ceder áquello amor malvado. E, para melhor lhe facilitar essa entrevista forçada, Estevão entregou a Maria Benedita uma chave, que lhe permitiria entrar sem bater, nem ser vista.

Essa tarde passou-a Estevão Bahia junto de Tomazia, que logo serenou ao vê-lo. No dia immediato, segundo combinara com Joana, veio de manhã, como que para lembrar a Maria Benedita a infame combinação da vespera.

Ao sabel-o com Tomazia, Maria Benedita, que se vestira de preto e ocultara a face n'um veu espesso, deu-se pressa em sair a caminho da casa



Maria Benedita arranjára meio de não faltar nem á sua palavra nem á sua honra

de Estevão, onde entrou sem dificuldade, graças á chave que levava a esquentar-lhe as mãos.

Faltava uma hora para a hora que haviam tratado. Fiel á sua promessa, Maria Benedita estendeu-se aniquilada n'um divan; á espéra...

Decorridos trez quartos d'hora, entrou Estevão, e ao ver Maria Benedita deitada no sofá, como que adormecida, o seu rosto iluminou-se de contentamento vil. Ia finalmente realizar o seu desejo covarde!

De longe dirigiu-lhe alguns galanteios insipidos, aos quaes não recebeu resposta. Achando

que o silencio de Maria Benedita provinha naturalmente da sua natural perturbação, não se alarmou, e adeantou-se prazenteiro, para das palavras passar ás caricias. Ao inclinar-se, porém, sobre ella, com o proposito de a beijar, viu aterrado que d'uma das fontes lhe escorria um fio de sangue que já ensopava a almofada.

Como aquele seu remoto avô que se dera morte violenta para não cair em poder da mourama, Maria Benedita arranjara meio de não faltar nem á sua palavra nem á sua honra.

MANUEL DE SOUSA PINTO



SUSPIROS.

Suspiros da minha alma, aqui vos deixo entregues,
Em saudades sem fim, em sonhos d'esperança;
Em canticos d'amôr, que como espumas léves,
Rebrilham sobre o mar, em horas de bonança.

Suspiros que por ti voam nos ares, bréves,
E vão levar-te ao longe, a fêvida lembrança,
Que a todo o instante invade a alma que tu deves,
Sentir unida á tua, em carinhosa aliança.

Suspiros que te vão, no seu cíciar tão terno,
Falar de mim em tudo:—em perfumada flôr;
N'aragem que estremece, em frémitos no inverno;

No sol que nasce e beija as plantas com ardor;
Em tudo quanto é belo, em tudo o que é eterno,
E fala de ternura, a suspirar d'amôr.

D. Julia Eugénia Silva de Pereira
autora do livro *os Suspiros*
recentemente publicado e d'onde foi
extraído este soneto.

STUART.



O banquete oferecido ao embaixador de Portugal sr. dr. Bernardino Machado no Rio de Janeiro: Um grupo de alguns convidados, no vestibulo da Associação dos Empregados do Comercio. 1. Frs. Costa Simões—2. Luiz Vidal—3. Serafim Claro—4. Jesuino Samaraõ—5. Hugo Múscã—6. Joaquim Santos Guimarães—7. Arinos Pimentel—8. Arlindo Guimarães—9. Manuel Alves de Oliveira—10. Ernesto Machado Guimarães—11. J. Ferreira da Silva—12. Carlos Lopes—13. J. Montenegro Serra—14. Joaquim Carvalheiro—15. Raul Lima—16. Dr. Bernardino Machado—17. Simões Coelho, do *Seculo* e da *Illustração Portugueza*—18. Antonio Joaquim Terra—19. João Luis—20. Antonio Ribeiro Seabra—21. Carvalho Neves—22. Fernando Pimentel—23. Alberto Nunes de Sá—24. Machado Bastos—25. Joaquim Sequeira—26. Alfredo Santos—27. Firmino Lopes. Ao alto está um grupo que não se distingue bem, no qual ficaram os srs. Francisco Borges e Leite, da Camara Portugueza de Comercio.

A Matinee no Coliseu dos Recreios

Esses espetáculos, a que assistem as crianças em grande numero, teem sempre um encanto extraordinario pela alegria e entusiasmo que despertam n'esse interessante e original publico. O emprezario do Coliseu dos Recreios,



As crianças do Vintem Preventivo com o seu novo uniforme

sr. Antonio Santos, está sempre pronto a dar essas alegrias ás criancinhas, cedendo a sua casa d'espectáculos ás coletividades que promovem as festas, como succedeu agora com as protegidas pelas Juntas de Paroquia.



Aspetto do Coliseu durante a matinee a que assistiram 8.000 crianças—(Clichés de Benoitel).



TEATROS

Jitalia Vitaliani parece ter-se afeiçoado a Lisboa. Tivemos-a novamente, agora no teatro Nacional, durante oito ou nove noites. Errando pelo mundo, correndo terras, agora no fundo da Espanha, logo no norte de Portugal, na Madeira, em Valladolid, em Malaga, d'aqui a uma semana na Sicilia, depois em Veneza, logo n'uma vila remota do litoral italiano, de palco em palco, quasi de barracão em barracão, que grande e humilde figura é esta singular atriz, que a chama do genio e a chama da dôr consomem!

A centelha de desgraça que da sua arte irradia parece que, em toda a parte, afasta d'ela as multidões. Atriz admirada entre as maiores, não tem publico. Atriz aclamada, não atrae. Divina creadora d'emoção, não seduz.

Como a Duse foi a interprete genial e unica de toda uma arte espirital, tendo o condão magnifico de, com as suas mãos sagradas, espiritalisar tudo o que a sua alma tocava—revoltas, lagrimas e sorrisos—Vitaliani é a interprete admiravel de todos os grandes heroismos da dôr e do sacrificio. Ninguem hoje interpreta melhor a visão sombria de Bracco. Representando a *Soror Tereza, a Madre, a Tragedia della anima*, ela é grande e é completa. A sua arte é uma transfiguração.

Para a interpretação d'esse teatro de hoje, feito mais de vivacidade que de nervos, mais de cor que de sangue, falta-lhe, por certo, a graciosidade e a leveza, como lhe falta, para as sugestões da multidão, a mocidade e a elegancia. O publico ama as atrizes que choram—e que sorriem. Vitaliani é apenas uma atriz que chora.

—Esta é talvez uma das razões que a isolam do favor das plateias e que fazem d'ela, tanto na Italia, como fóra da Italia, a atriz dos intellectuaes. O publico dos theatros, o que decide e cria o favor ou desdem—é, porém, a mulher. As grandes peças de carreira são as que agradam ás

mulheres. Os grandes actores ou as grandes atrizes são os que as mulheres preferem.

Vitaliani não agrada ás mulheres. Porque é grande de mais para a sua compreensão? Não. As mulheres adoraram a Duse. Por um motivo apenas, parece-me: é porque a adivinham pouco mulher e, se a compreendem, não a sentem. De facto a Vitaliani falta-lhe *feminilidade*, no que esta palavra encerra de suggestivo e de subtil. Como? Porquê? Não sei. Por qualquer coisa que é impossivel de definir, mas que não deixa, por isso, de ser menos verdadeiro. Os grandes momentos do teatro de Vitaliani são aqueles em que seu genio, á força de vibração, impersonalisa a dôr. Em toda a *Zazá*, sendo aliás sempre uma maravilhosa comediante, ella só é verdadeiramente grande no momento em que, deixando de ser a pobre amante de café concerto, se torna, n'esse ato em casa de Dufresne, a voz e a alma de todas as amantes, de todas as que amam e beijam, eternas exiladas d'um lar. N'esse momento a sua figura transfigura-se, illumina-se do resplendor do genio—e nenhuma atriz atinge, como ella, n'essa cena, toda uma synthese

de paixão, a grandeza d'um simbolo de sofrimento e de melancolia. A sua voz vòu sobre nós, o seu talento eleva-a e esplende. Depois, quando a peça volta ao cume e á volutuosidade, o corpo e os nervos da *Zazá* são pequenos para abrigar a alma insexual de essa feia de genio que é a Vitaliani.

Indiferente á utilidade, em que é facil cultivar a predileção dos publicos, presa a um grande Sonho, amando uma grande Dôr, é esse Sonho irreal e essa Dôr, feita de todas as dôres, que ella nos dá. Ella não é, decerto, a atriz das mulheres, nem a atriz dos aristocratas. Ella não será mesmo, como a Sara ou a Duse, a atriz do Amor e da Morte. Mas é a atriz dos desgraçados, dos imaginativos e dos sinceros idealistas da Emoção e da Bondade.

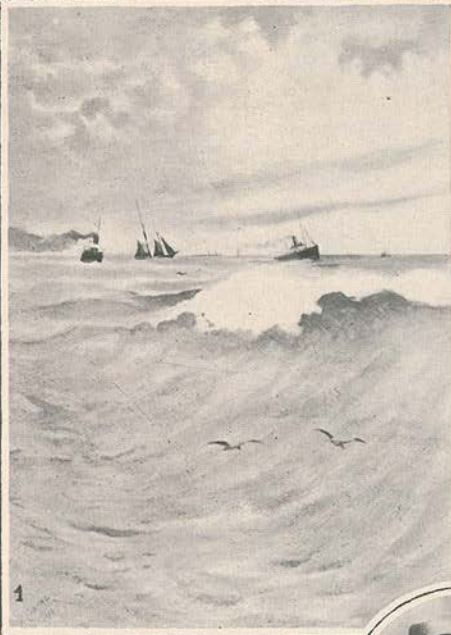
A. de C.



Carlo Duse. no Scarpia da Tosca



Italia Vitaliani. na Tosca



O sr. João Cabral é um distinto artista que tem exposto varios trabalhos com um grande agrado do publico. A sua exposição no Salão da *Ilustração Portuguesa* atraiu uma concorrência leste e conhecida que adquiriu a maioria das aguarelas expostas.

Eram cento e quarenta e tres esses trabalhos havendo entre eles trechos pitorescos dos arrabaldes como a estrada de Setiaes, em Cintra, o rio Vinagre em Colares, as casas rusticas d'esta vila, assim como a ponte sobre o rio Galamares.

Tambem o artista apresenta quadros provincianos de efeito sobretudo nos arrabaldes

de Coimbra Tomar, Eriçeira e marinhas interessantes como as d'Espinho, Tejo e Sado.

Os aspéctos das ilhas mostram colorido e vida tendo o sr. João Cabral percorrido S. Miguel d'onde trouxe belos estudos.

Trabalhando activamente sem preocupações além da sua obra, o artista menciona visitar dentro em



1. Na barra de Lisboa.—2. Paisagem ribatejana.—3. O aguarelista sr. João Cabral.—4. Na Terra Alta, Vilarinho.

pouco o Brazil e a Argentina onde fará exposições.

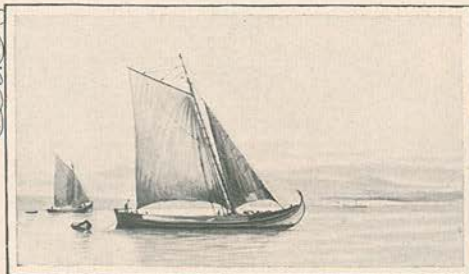


vendo voltar a Portugal com apontamentos para a futura exposição em que sem duvida figurarão a guarelas das partes que percorrer.

Isso acabará por firmar os creditos d'este artista que tão bem reproduz os aspectos pitorescos dos pontos que impressionam a sua retina.



1. Efeito do sol em Tanger



2. Varino, barco do Tejo

Ali levará nas suas aguarelas cantinhos de Portugal que agradarão aos olhos dos nossos compatriotas que por lá labutam e que no pitoresco das vilorias, no azul das marinhas, nos trechos calmos das igrejas e dos solares reconhecerão a patria da sua saudade.

Dentro em pouco o sr. João Cabral iniciará a viagem artistica em que se demorará algum tempo, de-



3. O rio de Galamares (Cintra)—4. Barca de passagem (Mondego)—(Michie's de Benoitel)



Grupo dos ministros e encarregados de negocios chefes das Legações em Pekin, tirado no dia da posse do Presidente Yuan Shi Kai da Republica Chinezca:
 No primeiro plano da esquerda para a direita srs. G. O. Wallenberg, ministro da Suecia; O. Sun Páo Chi, ministro dos negocios estrangeiros chinez; Don Lulz Pastor, ministro de Hespanha; decano do corpo diplomatico; Lou Tseng Tsiang, gran-mestre de cerimonia, ex-ministro dos estrangeiros e delegado á conferencia da Haia; E. de Cartier, ministro da Belgica. 2.º plano srs. Ahlefeldt, ministro da Dinamarca; A. Comy, ministro de Franca; E. Yamaza, ministro do Japáo; Batalha de Freitas, ministro de Portuga; Von Seckendorff, ministro da Alemanha; B. Kroupensky, ministro da Russia; 3.º plano: srs. Comte Strum, ministro dos Paizes Baixos; Herrera de Huerta, encarregado dos negocios do Mexico; E. T. Williams, encarregado de negocios dos Estados da America; R. Aiston, encarregado de negocios da Gran-Bretanha; Comte Des Fours, encarregado de negocios da Austria-Hungria; D. Varé, encarregado de negocios de Italia.

Inundações

Os grandes tempos e os últimos causaram enormes



inundações a que está sujeita todos os anos, sobretudo a região ribatejana. D'esta vez foi na Barquinha e Azambuja onde a agua causou mais estragos, tendo tambem subido a ribeira de Santarem cujos aspéto's pittorescos publicamos.

As estradas d'Almeirim, Alpiarça e Alemquer estiveram



1. Na Azambuja: Uma corrente vertiginosa
2. Santarem: A cheia invadindo o leito da ponte d'Asseca.
(Clichés do sr. Francisco Inacio da Silva).



3. A cheia da ribeira de Santarem vista das Portas do Sol. (Cliché do sr. Pinto Bastos).



1. A Ponte da Pedra, no Entroncamento, alagada.
2. A administração do concelho da Barquinha durante a inundação.

completamente cobertas d'agua fazendo-se o transito em barcos. Grande numero de pessoas fez essa travessia indo tambem a Per-



A rua do Sol, Barquinha, alagada.



A inundação no largo dos Platanos, na Darquilha.
(Fotografia do sr. Francisco Melo, do Entroncamento).

nes v r as quedas do Alviela que engrossaram, tendo um imponente asp to.

O Mondego tambem encheu assim como o Douro, não havendo grandes de-

sastres a lamentar porque os temporaes decresceram e logo vieram uns dias de bom sol dar alegria aos campos onde a devastação ia começando.



Casa do Feltor da Ponte da Pedra no Entroncamento, quando da cheia.

Caricaturas de Tom Titt



O príncipe Luiz de Battenberg

Tom Titt (Jan Roscius de Junosa Rósciszewski) tem em Londres a reputação d'um grande caricaturista e a coleção das suas obras mais recentes, que ele ofereceu á *Ilustração Portuguesa*, bem o atesta e largamente o comprova.

E' o artista do traço sobrio esse homem de apelidos complicados e que soube achar um pseudonimo tão simples como o contorno das suas caricaturas.

Os homens mais eminentes da Inglaterra aparecem n'essa coleção escolhida e como a caricatura é a arte de fazer resaltar as imperfeições, elas aparecem nos príncipes, nos lords, nos ministros, nos banqueiros, com a graça cintilante e critica d'uma charge de Takeray.

O processo usado é curiosissimo, como se vê n'essas figuras executadas com singelas linhas, dando flagrantes semelhanças e ao mesmo tempo revelando a personagem.

O rei Jorge V, que abre a coleção, é esplendidamente caricaturado n'essa habitual singeleza do artista, ao príncipe de Gales sucede o mesmo, assim como ao príncipe de Battenberg, o ilustre almirante que Portugal bem conhece das manobras navaes de Lagos.

O arcebispo de Londres, serafico, de Canterbury, placido, contrastam com o marcial lord Kirstchenner, todo sobranceiras e bigode.

Veem então os escritores illustres,



O rei Jorge V



Lord Kitchener



O príncipe de Gales



Lloyd George



1. J. L. Garvin

os nomes que a Europa aplaude, os autores dos romances originalísimos e das peças d'arte. Conan Doyle, de cujas obra *Sherlock Holmes* se teem devorado em Portugal milhares de edições, está próximo de Wells, o romancista estranho das aventuras mais

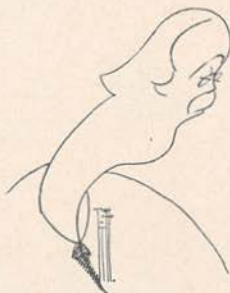
inverosímeis e melhor narradas, causando pavores como contos de Poe e com ele Pinero, o ilustre autor dramático cujas traduções são muito nossas conhecidas.

Tom Titt apara então o seu lapis delicado e malicioso para entrar no campo dos políticos e surgem á nossa vista esse Lloyd George famoso pelos seus projetos, o nome tornado universal e



2. Arcebispo de Canterbury

Aparecem ainda outros conhecidos como Douglas, Haisbury, Norfolk, o duque celebre e logo surgem os homens da finança, lord Rotschild á frente, com as suas pernas curtas, o ventre proeminente de



3. Bispo de Londres.—4. Leoncavallo.—5. Reginald Mckenna.—6. Balfour.—7. Sir Arthur Conan Doyle.

tambem Jonh Burns, o ministro operario, a positiva marca de que essa Inglaterra da tradição, cujos juizes ainda usam as perucas do século XVIII no exercicio dos seus cargos, caminha, com todo esse decorativo respeitavel e secular, na mais larga senda do modernismo ao adotar o ministro que entrou em Windsor de jaqueão.





Jonh Burns

todos os banqueiros e cur-
jas botas á Jonh Bull dão
a nota pratica do velho



Sr. Bragança Cunha, um elegante
portuguez residente em Loudres

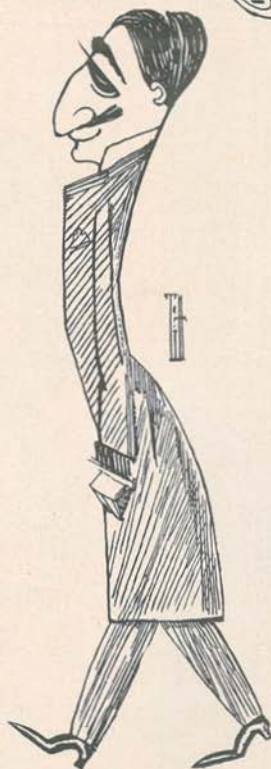
simbolo da Grã-Bretanha.
Os janotas de Londres,
os que dão o tom, os mo-
delares, figuram tambem
tambem n'essa serie a que
não escapou ninguem que
desse nas vistas e entre
eles aparece o distinto
clubman sr. Bragança da
Cunha, um portuguez que
ali reside e é um elegante
cuja linha não escapou ao



F. E. Smith

lapis cintilante de Tom
Titt, cujos trabalhos a ca-
sa Nez Age, de Crusidor
Street, de Londres, pre-
ciosamente editou.

O ilustre caricaturista,
que conseguiu no meio
artístico inglez uma
grande reputação, será
conhecido em todos os
centros europeus onde os
seus trabalhos simples,
graciosos e belos, d'uma
inofensiva e justa crítica,
terão a seguil-os a mes-



Herbert Samuel

ma curiosidade que desper-
taram em Portugal.



Lord Rothschild

As festas da Republica Portugueza na America do Sul

Correram com a maior animação e brilhantismo, as festas em comemoração ao 3.º aniversário da Republica no Peru.

O programa do dia 4 não pôde ser levado a cabo devido a uma chuva torrencial



que tornou intransitaveis as ruas, transformando Iquitos n'um verdadeiro charco.

No dia 5 ás sete horas começaram a afluír á casa da Sociedade Musical Recreativa Luzitana, gran-



1. Inauguração do retrato a oleo do sr. dr. Manuel d'Arriaga no dia 5 d'Outubro na sede da Sociedade Recreativa Luzitana na meza da esquerda para a direita srs. Gaspar Borges da Cruz, Francisco Domingos, N. Soares e José da Costa.
2.—(1) Srs. Manuel de Matos, regente e José d'Almeida Barros, 2.º regente da banda portugueza.
3. Ao içar do pavilhão portuguez no consulado nacional no Peru.



Banda da Sociedade Recreativa Luzitana de Iquitos (Peru)



Pic-nic em Sachachorro no dia
3 de Outubro.

de numero de portuguezes.
Eram oito horas quando saiu
a banda acompanhada por to-
dos que se encontravam pre-
sentes para o consulado, on-
de foi içada a bandeira ao som
da *Portuguesa*.

N'este momento foi substi-

tuido o
entusias-
mo pela
comocão
que se lia
em todos
os olhos,
ao verem
desfral-
dar-se a
bandeira
nacional.



Em Sachachorro: A fabrica de gelo do sr. Antonio Soares Balreira,
d'Ovar, distinto colaborador da *Ilustração Portuguesa*.



Um Grupo de portuguezes residentes em S. Paulo (Brazil) e que ali solenizou o aniversario da Republica:
Em pé: srs. José Marques de Paiva, José Marques Fernandes, José Jacob Nunes Alves, Antonio Dias. Sentados
srs. Ernesto Tavares d'Oliveira, Joaquim d'Oliveira Leite, João da Silva Guimarães, José A. Mota.

EM LOURENÇO MARQUES: O Teatro Gil Vicente



O con-
ceitua-
do co-
mer-
ciant
da pra-

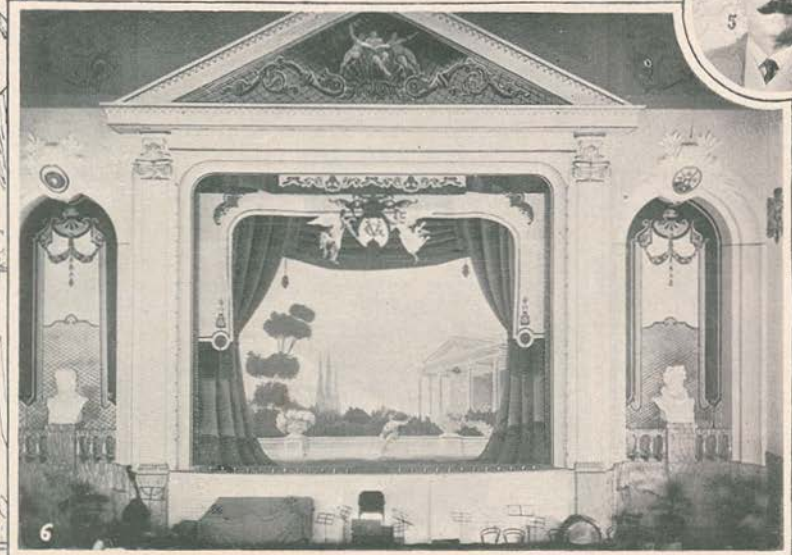
ça de Lourenço Marques, sr. Manuel Augusto Rodrigues, agente do *Seculo*, acaba de construir n'aquella florescente cidade um esplendido teatro, sendo o projeto e a direção da construção do arquiteto da provincia sr. Ferreira da Costa, que n'este importante trabalho mostrou mais uma vez a sua alta competencia, como o demonstrára já na construção do palacio do Vidago. Comporta o teatro Gil Vicente 980 espétadores e foi construido com todos os re-



Fachada do novo teatro

quesi-
tos mo-
dernos,
possuin
do ex-
celen-
tes con-
dições acusticas. E' di-
gno de todos os louvores o sr.

Manuel Rodrigues e todos os que com ele colaboram, pois a construção d'um teatro como o Gil Vicente, que custou 35.000\$000 réis, representa um melhoramento importante para a cidade e fará com que os artistas portuguezes possam ali ir, visto que nada lá lhes falta para poderem trabalhar. Atualmente trabalha no Gil Vicente uma companhia de opereta que inaugurou o teatro e tem agrado bastante.



1. Sr. Manuel Augusto Rodrigues, proprietario do teatro Gil Vicente.—3. Sr. Ferreira da Costa, o arquiteto que edificou o teatro
4. A companhia de opereta portugueza que trabalha no novo teatro de Lourenço Marques. De pé coristas, sentados os artistas.
Da esquerda para a direita: Srs. Acaçio de Aguiar, Carlos Pereira, Eusebio Sampaio, Atriz Maria Augusta, maestro Graça, Leopoldina Veloso, Ernesto Pereira, Eusebio de Melo, Maria dos Santos (á Sevillanita).
5. Sr. Henrique de Carvalho, secretario da direção do teatro Gil Vicente. 6. O proscenio do novo teatro.
(Clicho do sr. Adelinio d'Abrunhosa)

EM MOÇAMBIQUE: Uma excursão a Goba

Umbelluzi é um dos mais lindos rios africanos com as suas margens verdejantes que as arvores altas, frondosas, copadas, ataliam. Tem uma grande extensão e nas suas águas profundas abunda, em determinadas zonas, o crocodilo, que destemidos caçadores vão procurar mais como trofeus de que como proveito.

Pois foi esse rio lindo que os excursionistas de Lourenço Marques viram e admiraram quando, para solenizarem o aniversário da República, foram até Goba, o termo da linha de Swazilândia. Eram mais de duas mil pessoas as que entraram na excursão promovida pelos empregados do porto e do caminho de ferro de Lourenço Marques, tendo tu-



Comissão organizadora da Excursão a Goba, em 5 de Outubro de 1913, promovida pela Associação do Pessoal do Porto e dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, excursionistas e pessoal do comboio: 1. Srs. Carlos Ferreira, secretário da direcção. 2. Alberto P. Fortes, presidente do conselho fiscal. 3. Cunha e Silva, comissão administrativa da secção. 4. Carlos Graça, secção de Socorros Mtuos. 5. Eduardo Belo, presidente da direcção. 6. Francisco Barriga, tesoureiro. 7. J. J. Machado, conselho fiscal da secção de Socorros Mtuos. 8. Artur Batista, secretario da Associação Geral da Secção.

tilissimo generosamente retribue a semente que se lhe entrega.

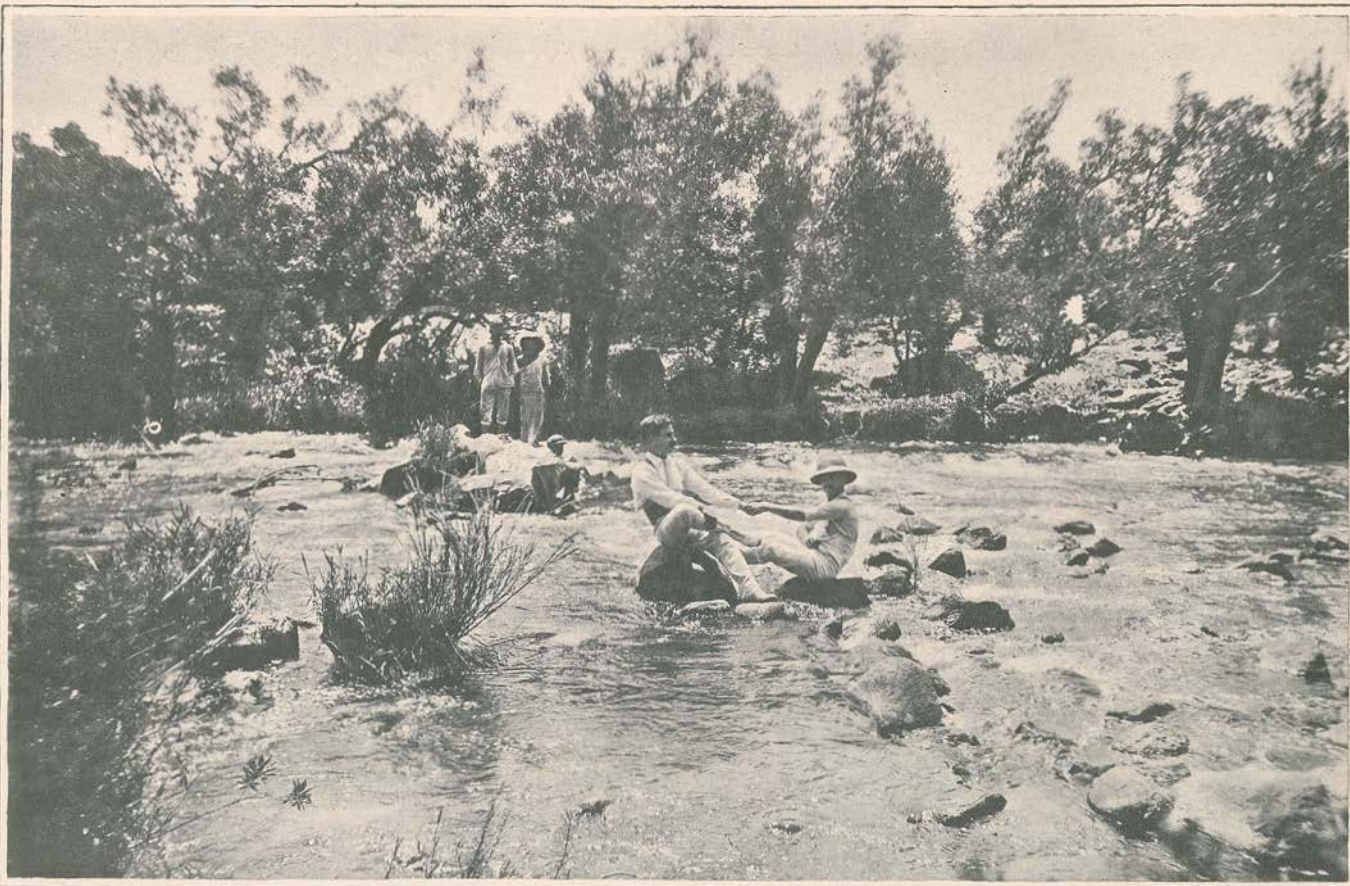
Vendo as arvores seculares, seguindo as margens do rio d'aguas caudalosas, analisando a paisagem, os dois milhares

do decorrido na melhor ordem e reinando sempre no percurso e em Goba o maior entusiasmo.

Bem mereceu fazer-se essa travessia que tornou conhecidas d'aquelles que mourejam nas suas fainas anos inteiros, quasi sem descanso as belezas naturaes e os progressos da provincia cujos melhoramentos são enormes e cujo solo fer-



O primeiro comboio que no dia 5 de Outubro foi a Goba, terminus da linha da Swazilândia, com mais de mil excursionistas, atravessando os campos de Umpala.



Rio Umbeluzi nas alturas de Goba, um dos mais bonitos da provincia de Moçambique e onde abunda o crecodilo.

d'e ho-
mens, se-
nhoras e
creanças
que fo-
ram a Go-
ba trou-
xeram de
lá, com
uma lição
proveito-
sa, uma
recorda-
ção de
belezas
que já-
mais lhes
esquece-
rão, tan-
tas são
as sur-
presas e
as varia-
ções da
paisagem
uma das
mais bel-
las de
Africa.

Em vez
da tradi-
cional
festa de



todos os
anos, foi
com esta
excursão
que se so-
lennisou o
terceiro
aniversa-
rio da im-
plantação
da Repu-
blica, que
carinhos-
a e entu-
sias-tica-
mente foi
saudada
por essa
legião de
excursio-
nistas
que de
Louren-
ço Mar-
ques fo-
ram ao
extremo
da linha
ferrea da
Swazi-
landia.

Umblé, arvore secular da margem direita do rio Umbeuzi, em Goba. Tem mais de 40 metros d'altura. O tronco e mais estreito em baixo do que em cima e n'ele se conserva o tronco morto d'outra arvore que uma cheta para ali arremessou unindo-o ao do colosso de tal forma que nem os vendavaes nem as grandes correntes conseguiram separar-os



Os excursionistas em doce convívio merendando sob o copado arvoredo das margens do rio Umbeuzi.
(Clichés da photographia Luzitana)

FIGURAS E FACTOS



1. Sr. José Maria Puga, professor de musica, falecido em Lisboa. 2. Sr. dr. Antonio Pessoa d'Amorim, falecido em Torres Novas. 3. Sr. dr. Silveira Ramos, advogado, falecido em Lisboa. 4. Tenente coronel Sebastião Delrisco, falecido em Lisboa.

5. Sr. Antonio da Fonseca Lage, proprietario, falecido em Fornos d'Algodres. 6. Coronel Carlos Augusto Barcelos, falecido em Lisboa. 7. Sr. Antonio Simões Barata, escrivão notario, falecido na Louzã. 8. Sr.ª D. Olivia de Figueiredo de Vasconcelos e Sá, professora do liceu Maria Pia, recentemente falecida



As atrizes Maria Amelia e Eugenia Frazão na revista *Pepo a Palavra*, em cena no Rua dos Condes que foi transformado sendo hoje uma elegante casa de espetáculos

As atrizes Maria Amelia e Berta Miranda



12. O rei Luiz III da Baviera que sendo regente ha 40 anos foi agora proclamado rei em vista do parlamento não conceder duas listas civis e escazalada vivo Othão III louco desde a sua maioridade.



11. Vista do belo edificio dos escritorios do Port of Pará.

O sr. Alvaro Neves, bibliotecario da Academia das Ciencias, de ha muito cultiva com aptidões invulgaes o arduo e paciente trabalho de bibliografia como se comprova com o seu novo folheto.

11. O distinto bibliophilho sr. Alvaro Neves, autor do livro *Bibliografia Livro Juatico* recentemente publicado.



14. Vista do esplendido edificio do Grande Hotel, propriedade da firma Figueiredo e Companhia do Pará.



Tenente coronel sr. Pómingos Eugenio da Silva Canedo, diretor da Companhia de Seguros Portugal, falecido em Lisboa.



A comissão organizadora da homenagem à memória do comerciante Nunes dos Santos, falecido sócio dos Armazens do Chiado e cujo busto foi inaugurado, fazendo-se de seguida uma grande romagem a sepultura do extinto.



Sr. José Dias Junior, inspetor principal dos caminhos de ferro, recentemente falecido.

Os empregados dos Armazens do Chiado rememorando a data do falecimento do empreendedor comerciante sr. Nunes dos Santos, que foi um dos diretores d'aquelle impor-

tante estabelecimento, inauguraram o seu retrato com uma sessão solene e fizeram uma romaria ao cemiterio onde prestaram a sua homenagem á memoria do que foi um dos seus chefes prestigiosos e amigo devotado.

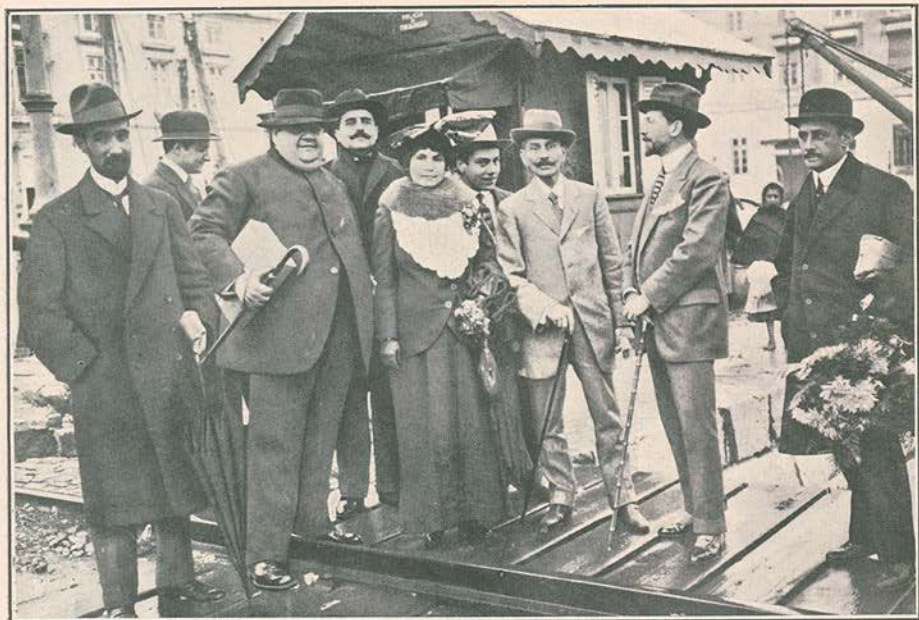


Os camions destinados ao exercito e cujas experiencias se realizaram com exito.



Os officaes e mais individuos que tomaram parte nas experiencias dos camions—(Clichés de Benolle).

Ha pouco ainda o exercito francez fez as experiencias dos seus camions, que deram magnificos resultados. Todos os exercitos começaram a adotal-os em vez da viatura classica e entre nós seguiu-se o exemplo das outras nações, tendo-se realizado com exito as experiencias dos camions, cuja carrosserie é construção nacional.



A passagem em Lisboa do ilustre escritor brasileiro Coelho Neto. O ilustre brasileiro com sua esposa e os srs. dr. Oscar de Teffé, ministro do Brazil, Santos Tavares e Manuel de Sousa Pinto, horas antes de embarcar no *Cap. Vilano* com destino ao Rio de Janeiro.



A chegada a Lisboa do novo ministro Inglês sir Carnegie. O sr. Santos Tavares, representante do sr. ministro dos estrangeiros, com o ilustre diplomata e o secretario da legação Inglesa—(Clichs de Benolle)

Odemira e Vila Nova de Milfontes



1. A barra do rio Mira em Vila Nova de Milfontes

Em Odemira os progressos são enormes, sendo hoje um dos mais importantes concelhos do Alentejo e o Mira, que o banha, um dos mais pitorescos rios regionaes.

Vem da serra do Caldeirão



em torcicolos, salta nas pedras do seu leito, tendo oitenta e cinco kilometros de comprido mas sendo até ao sitio da Torrinhã designado como ribeira.

Odemira tem tambem minas que são exploradas empregando-se numerozo pessoal, sendo, porém, a cortiça o seu principal artigo de exportação.

Vila Nova de Milfontes, chama-se



2. Odemira, vista da ponte- 3. Lavadeiras no rio Mira

assim porque, dizem uns, muitas fontes existiram na vila e seus arredores, mas que desapareceram; outros, que essa designação vem dos numerosos arroios que ser-

penteiam n'aquela povoação. Ha porém quem busque a origem d'esse nome na frase *mellis fons* que mais se justifica pelo mel de superior qualidade que em em Vila Nova de



1. Uma banhista do Mira fugindo á objetiva—2. A volta para a barraca—3. Pensamentos na areia 4. O desembarque depois do banho



1. A' espera do banheiro—2. Saindo da barraca para o banho—3. N'agua



4. Um trecho do Mira

Milfontes abunda. Tem-se desenvolvido muito ultimamente esta terra que pertence ao florescente concelho de Odemira.

O seu porto tem condições esplêndidas para servir de abrigo a barcos a cossados pelos temporaes, devendo ser aproveitadas as suas qualidades excépcionaes.



5. Um passeio no rio Mira com motogodille (Clichs do distinto amator sr. Manuel Torrado).

UM ESTABELECIMENTO MODELAR

A OURIVESARIA DO SR. CUNHA SOBRINHO, DO PORTO



pequenas dimensões; hoje, porém, graças à canceira e ao bom gosto do seu novo proprietário, o sobrinho do fundador, sr. Alfredo Pinto da Cunha, moço da *elite* que tem sabido impôr-se pelo seu trabalho e honestidade, aparece-nos outra, aparatoso no seu estilo Luiz VI, rica de motivos artísticos de pintura e escultura, que a tornam saliente e a melhor de todas quantas a capital do Norte conta. Dir-se-ia também à parte a riqueza ornamental, e em referência aos trabalhos de venda que Beneve-



Medalhão com o retrato do fundador da casa, sr. José Pinto da Cunha.

Perdida quasi a meio da velha rua do Loureiro, uma das mais características do antigo burgo tripeiro, mercê dos seus pitorescos algebés e vendedores de prata, acha-se ha alguns dias aberta uma casa, modelo no seu genero de ourivesaria. E como se apresenta singularmente, destacante pelo ar artistico que d'ela resalta e pelas preciosidades que a ornamentam, enriquecendo-a, é que nos dá motivação estas linhas de justo elogio que notulam impressões. É sabido que ai por alturas de 1897 se fundára no Porto a ourivesaria Cunha, uma das de maior nomeada, embora de



Sr. Alfredo Pinto da Cunha, actual proprietario do estabelecimento.

A fachada da ourivesaria Cunha Sobrinho.

nuto Celini, com os primores do cinzel, se dispuzera a apresentar-nos os excellentes trabalhos de ourivesaria que ali se expõem, desde os mais sim-



Aspêto do Interior da elegante ourivesaria



1. Salva de prata «repoussée» representando o julgamento de Cristo, trabalho da ourivesaria Cunha Sobrinho.

ples aos mais complicados e dos de preço acessível aos de alto valor. Vem a talho de foucelebrar, d'entre a profusão de obras em prata que nos passaram sob os olhos, duas belas salvas, uma estilo manuelino, e uma outra um trabalho em prata *repoussée*, que sendo uma alegoria do julgamento de Cristo, interes-



sante e de uma realização aturada e firme com todas as dificuldades de técnica vencidas e todos os vislumbres de inspiração irão falando da profusão de luzes coadas pelos cristais propositadamente embaciados uns, reluzentíssimos outros, como n'um velano, e que se caracterizam pela involuntariedade, passemos em rápida referencia aos adornos do estabelecimento cuja fachada se destaca d'um modo

estranho como acima frisamos, logo a meio da rua do Loureiro. No interior amplas monturas de cristal luzente, nas suas claras côres vestem as paredes em volta, dando-lhe alegria e conforto, e onde a estética vai tomando prestígio. Isto ao rezdo-chão. Em cima, na galeria, artisticamente ladeada, ao centro, de varandas de um fino recorte e harmonia de composição, temos os trabalhos soberbos, por excelência, de escultura e pintura. A meio da casa dois colunelos, tendo como remate a acompanhar as voltas dois anjos gorduchos e esculpturados por Oliveira Ferreira, que parecem sustentar o enorme peso do edif-

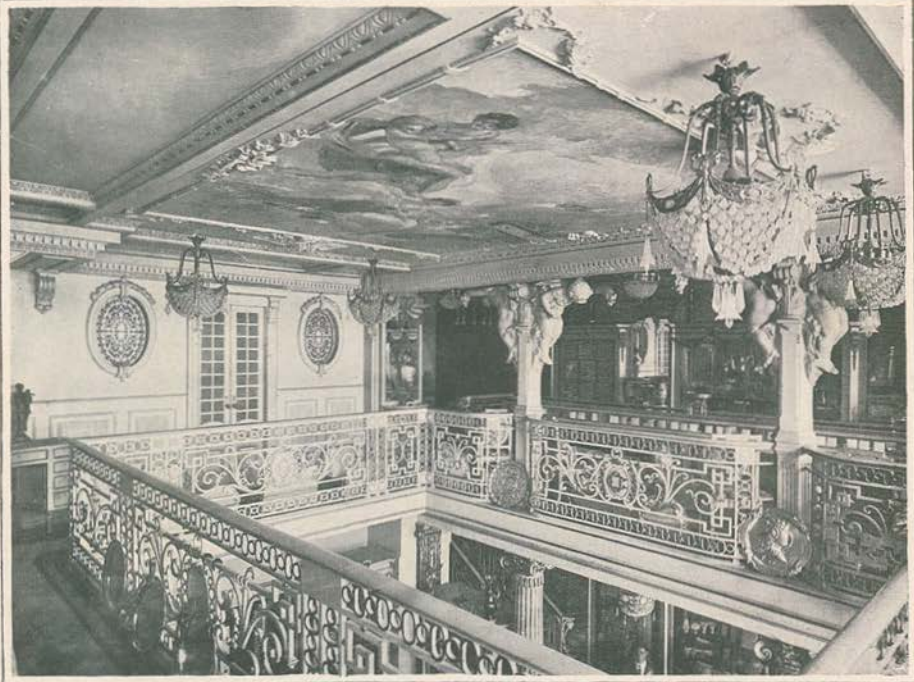


2. Uma das pinturas decorativas do ilustre artista sr. Acacio Lino.—Algumas das elegantes vitrines.

cio, Depois dos os frisos, cornijas, n'uma palavra, todos os ornatos se afiguram d'uma leveza extraordinaria e surpreendente. Quanto aos trabalhos de pintura, cujo artista foi Acacio Lino, é justo salientar além d'um *plafond* enorme de vistoso colorido como n'um remate feliz de toda a obra de encanto e arte que é o estabelecimento indicado um recanto gracioso, reproduzidos dos jovens enamorados d'uma leveza de soneto de Voiture e de uma delicadeza ritmica de minuete.



apresenta como motivo decorativo o retrato a oleo, de amplas dimensões, do sr. José Pinto da Cunha, do honrado e prestimoso fundador da casa que hoje se apresenta, não nos cançamos de repetir, como a primeira no genero. De resto é melhor visital-a. se pelas fotografias que apresentamos não fôr possível dar ao leitor uma idéa embora palida do que é a propria ourivesaria que não só honra o sr. Alfredo Pinto da Cunha, seu bemquisto e intelligente proprietario, mas a cidade do Porto.



1. O teto do estabelecimento pintado pelo sr. Acacio Lino—2. Outro aspecto da ourivesaria Cunha

Dá acesso a esta galeria uma elegante escada que na parede do primeiro patamar em frente

Além d'uma casa rica e vistosa tem proporções d'um recanto d'arte e maravilha.

Seda

Suissa

franco de porte a domicilio.
 Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em velludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.

Schweizer e Ca., Lucerne E 12
 (Suissa)



Venda em todas as Pharmacias

GOERZ TENAX-PACK

A mudança ideal
 à luz do dia



60%
 peso de economia

A mais perfeita substituição de chapas

Extra-rápidas. Orthochromaticas. Antihaló. Não se enrolam.

A venda em todas as lojas de artigos photographicos. Prospectos gratis.

Opt. Anst. C. P. GOERZ Akt.-Ges.

BERLIN-FRIEDENAU/III

VIENNA

PARIS

LONDRES NOVA YORK



CRÈME SIMON

PARA
 conservar ou dar
 ao rosto

FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

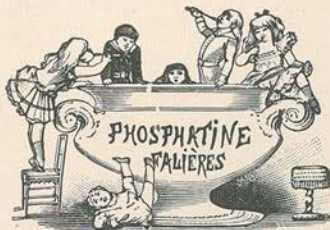
Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg PARIS 10^e
 Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabelleres/os.

Desconfiar das Imitações.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezas principalmente na época do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhéa, tão frequente nas crianças.

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, arte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosos brochura gratis, em portuquez, do professor YTAILO, 35, Boulevard Bonne-Noub/le. 35 - PARIS.

Roses d'Orsay

Evoca o perfume da Flor

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS



"STAND" DO PNEU CONTINENTAL
 E XIV SALON DE L'AUTOMOBILE DE PARIS
 1913

Em **3.952** pneumáticos expostos por **25**
 marcas d'automoveis do

— PNEU —

Continental

havia **1.002**, isto é
25% dos pneumáticos apresentados.